

DIÁRIO DA QUARENTENA

A pandemia de Covid-19
como acontecimento

Vera França
Paula Simões
Terezinha Silva
Fabíola Souza
Samuel Silveira
(Organizadores)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Reitora: Sandra Regina Goulart Almeida
Vice-Reitor: Alessandro Fernandes Moreira

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Bruno Pinheiro Wanderley Reis
Vice-Diretora: Thais Porlan de Oliveira

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Coordenador: Bruno Souza Leal
Sub-Coordenador: Carlos Frederico de Brito D'Andréa

SELO EDITORIAL PPGCOM

Carlos Magno Camargos Mendonça
Nísio Teixeira

CONSELHO CIENTÍFICO

Ana Carolina Escosteguy (PUC-RS)	Kati Caetano (UTP)
Benjamim Picado (UFF)	Luis Mauro Sá Martino (Casper Libero)
Cezar Migliorin (UFF)	Marcel Vieira (UFPB)
Elizabeth Duarte (UFSM)	Mariana Baltar (UFF)
Eneus Trindade (USP)	Mônica Ferrari Nunes (ESPM)
Fátima Regis (UERJ)	Mozahir Salomão (PUC-MG)
Fernando Gonçalves (UERJ)	Nilda Jacks (UFRGS)
Frederico Tavares (UFOP)	Renato Pucci (UAM)
Iluska Coutinho (UFJF)	Rosana Soares (USP)
Itania Gomes (UFBA)	Rudimar Baldissera (UFRGS)
Jorge Cardoso (UFRB UFBA)	

www.seloppgcom.fafich.ufmg.br

Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627, sala 4234, 4º andar
Pampulha, Belo Horizonte - MG. CEP: 31270-901
Telefone: (31) 3409-5072

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D539

Diário da Quarentena [livro eletrônico]: a pandemia de COVID-19 como acontecimento / Organizadores Vera França... [et al.]. – Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020. 492 p. – (Olhares Transversais – v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86989-04-5

1. Comunicação Social. 2. Pandemia. I. França, Vera. II. Simões, Paula. III. Silva, Terezinha. IV. Souza, Fabíola. V. Silveira, Samuel. VI. Série.

CDD 302.2

Elaborado por Maurício Armormino Júnior – CRB6/2422

CRÉDITOS DO E-BOOK

© PPGCOM/UFMG, 2020.

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Atelier de Publicidade UFMG
Bruno Guimarães Martins

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Bruno Guimarães Martins
Daniel Melo Ribeiro

DIAGRAMAÇÃO
Gracila Vilaça

O acesso e a leitura deste livro estão condicionados ao aceite dos termos de uso do Selo do PPGCOM/UFMG, disponíveis em:

<https://seloppgcom.fafich.ufmg.br/novo/termos-de-uso/>

CENÁRIO INTERNACIONAL

Tanto na França quanto nos Estados Unidos, a pandemia altera a rotina de moradores e os planos dos visitantes. Quem estava fora quer voltar ou relata a angústia de viver de longe essa reviravolta do mundo.

Da França para o Brasil: a segurança de se sentir em casa

VERA FRANÇA RELATA SUA ANSIEDADE ESTANDO FORA DO PAÍS

Sentindo o mundo desmoronar estando fora de casa: foi assim que assisti à “chegada” do coronavírus em Paris, às vésperas de retornar ao Brasil. Hoje não existe lugar seguro no mundo. Mas se estamos prestes a entrar num verdadeiro pesadelo, é preferível vivê-lo em casa, ao lado dos nossos.

Quando eu viajei para a França, no dia 4 de março, o coronavírus ainda era uma ameaça aparentemente distante, a Europa ainda não parecia um lugar de grande risco. Fui aconselhada a não ir — mas o esquema estava todo montado, minha participação numa banca na Paris 3 confirmada. Mantive a programação.

A banca foi no dia 6; havia várias pessoas assistindo, mas o clima já era de muito cuidado. Nada de abraços, apertos de mão; apenas uma confraternização contida. No entanto, na sequência, o grupo de amigos foi comemorar num barzinho; ali, ninguém estava pensando em contágio.

Nos dias seguintes, eu visitei exposições, livrarias, tive encontros de trabalho. Com alguns cuidados (nada de toques corporais), a vida

parecia normal. Então, a doença explodiu na Itália, e o pânico chegou na França. Na quinta, dia 12, o presidente Macron falou à nação, anunciando as medidas de contenção. Ele anunciava o fechamento das escolas e universidades a partir do dia 16, suspensão de atividades com mais de 100 pessoas, restrição de circulação.

Na sexta e no sábado, tudo se precipitou; novos pronunciamentos ampliaram as restrições, e tudo começou a parar. As ruas de Paris ficaram mais vazias (metrô, ônibus ainda funcionando, mas com pouca gente). No sábado à noite, jantando com amigos num pequeno restaurante, ouvimos a notícia de que à meia noite todos os bares, restaurantes e cafés seriam fechados.

Minha viagem de volta (felizmente!) já estava marcada para o domingo, 15, de manhã. De madrugada já estava na porta do prédio esperando o táxi, com aquela sensação de sair de lá o mais rápido possível antes que não tivesse mais jeito. Sabe aquela cena de filme, em que o ator sai correndo e atrás as coisas vão desmoronando? Era assim que me sentia.

Aeroporto cheio, filas, rostos aflitos. Ninguém falando com ninguém. Achei que o voo fosse estar vazio, mas estava quase lotado. 11 horas de percurso até São Paulo; pessoas de máscara, e muita gente tossindo. Tosse de corona, tosse nervosa, tosse “normal”? Nada mais estava normal.

Em Guarulhos, muito tumulto de gente também, e muita mistura. Medo de contaminar e de ser contaminada. Só quando entrei no voo para Belo Horizonte eu relaxei.

Não sei se trouxe o vírus; estou tomando todos os cuidados e cumprindo a quarentena. De toda forma, ele já está por aqui, e não existe lugar seguro no mundo hoje. Nesses dias estou me sentindo como se vivesse uma realidade paralela. Olhando tudo com olhos diferentes. Mas me sentindo muito melhor por estar em casa e no meu país.